



**A contribuição dos Jogos
Paralímpicos para a promoção
da inclusão social: o discurso
midiático como um obstáculo**

Renato Francisco Rodrigues Marques

resumo

A inclusão social de pessoas com deficiência é um processo que perpassa tanto pelo empoderamento quanto por transformações da sociedade, de modo a proporcionar oportunidades de participação social plena. Sua efetividade está intimamente atrelada à transformação de paradigmas, estereótipos e preconceitos. Isso é possível por meio da educação formal, da mídia e de fenômenos socioculturais capazes de contribuir para modificar ou reforçar valores morais, como o esporte. O objetivo geral deste ensaio é propor uma reflexão a respeito da maneira como atletas paralímpicos são retratados pela mídia durante os Jogos Paralímpicos e o produto dessa forma de interação com os espectadores. Conclui-se que os atletas querem ser reconhecidos como pessoas produtivas e eficientes assim como qualquer outro cidadão.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos; esporte paralímpico; sensacionalismo; mídia; inclusão social.

abstract

The social inclusion of people with disabilities is a process requiring both empowerment and social transformations, so as to provide them with opportunities for a full social participation. Its effectiveness is closely linked to shifts in paradigms, stereotypes and prejudices. That can be made possible through formal education, the media, and social and cultural phenomena able to contribute towards modifying or sustaining moral values such as sport, for example. The main aim of this essay is to offer a reflection on way paralympic athletes are portrayed by the media during the Paralympic Games, and the result of such interaction on spectators. The conclusion is that athletes want to be viewed as productive and efficient people, just like any other citizen.

Keywords: Paralympic Games; paralympic sport; super-crip; media; social inclusion.

A inclusão social de pessoas com deficiência (PCD) caracteriza-se como um processo contínuo, que demanda transformações de estruturas sociais em diferentes níveis e instâncias, e deriva de configurações socio-culturais específicas de diversos ambientes e agentes, assim como de ações individuais das próprias PCD (Sasaki, 2002).

Esse processo perpassa tanto por ações de empoderamento quanto de transformações da sociedade, de modo a proporcionar oportunidades de participação social plena (Munster et al., 2008). Por essa razão, tanto os meios de educação de PCD (sejam ou não especialmente voltados a essa população) quanto o modo como a sociedade, em uma esfera mais ampla, percebe e dialoga com tais sujeitos, são fatores que influenciam diretamente suas possibilidades de participação social.

A efetividade de processos de promoção de inclusão social de PCD está intimamente atrelada à transformação de paradigmas, estereótipos e preconceitos. Isso é possível, entre outras formas, por meio da educação formal, da divulgação midiática e de fenômenos socioculturais capazes de contribuir para modificar ou reforçar valores morais, como o esporte, por exemplo.

O esporte é um importante fenômeno sociocultural no século XXI, tendo participação importante em veículos midiáticos, na constituição do PIB de diversos países e na inser-

ção como atividade educacional, recreativa ou profissional em diferentes grupos sociais (Marques, Gutierrez & Montagner, 2009). É um fenômeno plural e heterogêneo, que transmite, transforma e reforça valores morais e o espectro social de diferentes grupos, sendo também transformado por quem se envolve em suas práticas (Marques, 2015). É um fenômeno com considerável elasticidade semântica, de acordo com os agentes sociais que com ele se envolvem (Bourdieu, 1990).

Por ser um fenômeno sociocultural e, por essa razão, ser passível de transformações e adaptações em relação aos sujeitos envolvidos e seus *habitus*, o esporte assume papel importante como uma das possíveis formas de educação e influência sobre a criação e transformação de paradigmas, estereótipos e traços culturais da sociedade como um todo. Por essa razão, o esporte é tido como um fenômeno com íntima relação com processos de educação, sendo um importante influenciador sobre a formação de opinião e posicionamento político de praticantes, espectadores ou consumidores.

Assim como outros grupos sociais, as PCD mantêm uma relação importante e, por vezes, particular com o esporte. Historicamente, a inserção desse grupo em atividades esporti-

RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES
é professor da Escola de Educação Física e Esporte da USP de Ribeirão Preto.

vas já recebeu diferentes identidades, objetivos e sentidos, sendo tratada como modo de reabilitação, lazer, educação e trabalho (Howe, 2008). A intensificação dessa relação, especialmente pelo aumento das ofertas de atividades esportivas para esse público, e transformações de estruturas sociais que permitem uma participação mais ampla das PCD no campo esportivo, fortalecem a importância do esporte como um dos possíveis meios de facilitação de processos de inclusão social, tanto pela via de empoderamento da PCD praticante, quanto pela capacidade de esse fenômeno sociocultural disseminar ideais e valores morais que podem interferir no modo como a sociedade estabelece relações com as PCD.

O campo esportivo caracteriza-se por um espaço social de disputas, tanto entre sujeitos que buscam ascensão e reconhecimento simbólico quanto por modalidades esportivas que concorrem por legitimidade e acesso a ganhos políticos e econômicos (Bourdieu, 1983). O reconhecimento de um sujeito como atleta, assim como de sua capacidade para grandes feitos, são exemplos de algumas lutas simbólicas de PCD no campo esportivo.

Assim como qualquer outro campo social, o esporte é parcialmente autônomo e, desse modo, sofre influência e submete-se a normas e valores construídos e vigentes no macrocosmo social (Bourdieu, 1990). Desse modo, a participação de PCD está sujeita a percepções e intervenções da sociedade, pautadas em valores que nem sempre são comuns ao esporte e que podem, de modo mais específico, ser incomuns ao subcampo do esporte paralímpico. Nesse cenário, valores morais e traços culturais próprios do campo esportivo ou do subcampo paralímpico tanto sofrem influência de agentes externos a esse cenário quanto podem influenciar a sociedade em sua esfera macro, contribuindo para transformações sociais em relação à posição ocupada por PCD.

O esporte paralímpico consiste em um subcampo do esporte, sendo uma das possíveis alternativas de participação esportiva para PCD, e tem nos Jogos Paralímpicos (JP) seu principal evento e meio de divulgação de feitos esportivos (Marques & Gutierrez, 2014). Sua importância

se mede pelo fato de ser uma das únicas oportunidades de divulgação midiática para atletas e equipes em diversos países do mundo, ainda assim, muitas vezes de forma não satisfatória para esses sujeitos (Marques et al., 2014).

Frente a esse cenário, com o intuito de contribuir para a discussão sobre a participação do esporte em processos de inclusão social, como fenômeno sociocultural que pode contribuir para mudanças de paradigmas e estereótipos relacionados à PCD na sociedade, esta reflexão parte da premissa de que os JP e seus participantes acabam por exercer um importante papel de divulgação e transformação social sobre as potencialidades e desejos de participação das PCD na sociedade. Os valores, ideais, sentidos e exemplos externados durante os jogos, ou em outras oportunidades relacionadas a eles, contribuem em larga escala para a conformação (transformação ou reforço) de formas de percepção relativas à inclusão das PCD.

O objetivo geral deste ensaio é propor uma reflexão a respeito da maneira como os atletas paralímpicos são retratados pela mídia, especialmente durante os JP, e o produto dessa forma de interação com os espectadores. De modo específico, objetiva-se, a partir da análise de trabalhos acadêmicos sobre a opinião de atletas paralímpicos a respeito da abordagem midiática, discorrer sobre possibilidades de relação entre o estereótipo construído sobre esses sujeitos e seu impacto sobre processos de inclusão social de PCD.

Nesse cenário, os JP exercem papel de destaque como meio de colaboração para a transformação de estereótipos, paradigmas e, principalmente, preconceitos em relação às potencialidades e possibilidades de participação social de PCD. Sendo o evento esportivo que mais atrai a atenção da sociedade para as PCD, os jogos têm papel fundamental sobre o modo como essas pessoas são reconhecidas (Hardin & Hardin, 2004).

Este ensaio será estruturado em dois momentos: a) uma descrição sobre os JP e as relações do esporte de alto rendimento para PCD e processos de inclusão social; b) uma reflexão sobre os discursos midiáticos e suas consequências para a formação do imaginário sobre o atleta paralímpico.

JOGOS PARALÍMPICOS – O ALTO RENDIMENTO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE PROCESSOS DE EMPODERAMENTO E INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O esporte adaptado consiste em um universo que engloba atividades esportivas adaptadas a PCD ou com qualquer tipo de característica que demande transformações nas práticas. O esporte paralímpico consiste em um braço dessa forma de esporte e se caracteriza por um ambiente mais restrito, ao envolver apenas as modalidades dos JP, e ser acessível somente a pessoas que se enquadrem em seus critérios de classificação e desigualdade (Costa & Winckler, 2012).

O esporte paralímpico se manifesta não apenas nos JP, mas também em eventos organizados pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e comitês, confederações e federações vinculados a ele. Abarca atletas com deficiência intelectual, visual ou física e se manifesta em práticas esportivas em diferentes níveis de desempenho e ambientes (escola, lazer, alto rendimento).

Os JP são o principal evento esportivo para PCD na sociedade globalizada. Embora não abarquem sujeitos com todos os tipos de deficiência, assim como todas as possibilidades de práticas esportivas adaptadas, contam com a elite dos atletas paralímpicos em nível mundial. Atualmente, ambas as versões, de verão e inverno, ocorrem de quatro em quatro anos, na mesma cidade-sede dos Jogos Olímpicos, duas semanas após o término destes, utilizando as mesmas instalações e locais, apresentando, inclusive, algumas modalidades esportivas similares (Marques et al., 2009).

Os JP caracterizam-se como um cenário de prática esportiva de alto rendimento. Os sujeitos nele envolvidos agem de forma a buscar o melhor desempenho atlético possível, tendo a vitória e o reconhecimento esportivo como principais objetivos. Esse evento consiste em um cenário de disputas entre atletas de elite. Para participar desses jogos, é preciso que o candidato seja PCD elegível para as disputas (dentro das normas específicas

de cada modalidade) e alcance um nível ou índice de desempenho esportivo competitivo que seja compatível com o mínimo exigido para ser elencado em tal competição (Brittain, 2010). Alguns outros fatores que simbolizam essa forma de esporte são a comercialização, o profissionalismo, as pesquisas que objetivam formas de melhoria de desempenho atlético, a introdução constante de novas tecnologias, além da presença do *doping* (Howe, 2004; 2008).

Esse cenário, assim como qualquer outro ambiente do esporte de alto rendimento, coloca-se na sociedade como um dos produtos do mercado esportivo. A convivência entre uma perspectiva inclusiva e comercial é latente no cenário paralímpico, expressando certos paradoxos frente ao profissionalismo e a necessidade de divulgação e criação de ídolos como forma de aumentar receitas e seu valor simbólico no campo esportivo (Howe, 2004; Howe & Jones, 2006). Tal cenário é construído pelo convívio e confronto ideológico entre a seletividade e a comparação objetiva de desempenhos próprios do alto rendimento esportivo, com a perspectiva de oferta de oportunidades de participação, inserção social de PCD e desenvolvimento de potencialidades individuais, próprios de processos de inclusão.

O capital econômico tem grande importância em qualquer prática esportiva de alto rendimento, sendo ele um fator que possibilita melhoria dos processos de preparação e competição (Marques et al., 2013). Por essa razão, o esporte paralímpico encontra-se em um estado de necessidade de ampliação de sua divulgação, para ser mais bem conhecido e consumido pelo grande público. O interesse comercial no esporte se pauta por sua proximidade com espectadores que se tornam consumidores e o desejo de empresas de se aproximarem dessas pessoas para vender seus produtos (Howe, 2004). A divulgação do esporte paralímpico se coloca como uma necessidade nesse universo e como uma forma de expandir, de maneira simultânea, e por vezes paradoxal, ideais inclusivos e comerciais (Marques et al., 2014).

Como via de divulgação e de possibilidade de incorporação de lucros econômicos (principalmente por meio de patrocínios e transmissões de eventos) e simbólicos (reconhecimento de ídolos e interesse dos espectadores pelas competições

paralímpicas), a mídia se coloca como fator de grande importância. Porém, o modo como ela trata as matérias relacionadas ao esporte para PCD levanta pontos controversos quanto à forma com que a sociedade reconhece e consome as atividades esportivas adaptadas (Silva & Howe, 2012; Marques et al., 2015).

São recorrentes trabalhos acadêmicos que denunciam diferentes abordagens às atividades esportivas paralímpicas. Um tópico se destaca: o modo como os atletas paralímpicos são retratados para o grande público e a maneira como passam a ser reconhecidos e consumidos. Esse tema se faz importante, pois contribui para a construção do imaginário sobre a PCD e suas potencialidades de atuação social plena (Marques et al., 2015).

Os veículos de comunicação transformam em notícia os assuntos que lhes são interessantes, tanto do ponto de vista político quanto econômico (Bourdieu, 1997), e o que pode se observar na literatura é uma exposição de diferentes modos de abordagem sobre os atletas paralímpicos, que pode resultar em formas de reconhecimento, por parte da sociedade em geral, que favoreçam ou dificultem: a) os processos de inclusão social de PCD; b) a profissionalização desses sujeitos como atletas de elite; c) a construção simbólica das PCD como pessoas capazes, com potencialidades para participação social plena e direito à busca por autonomia e empoderamento.

As formas como os atletas paralímpicos são retratados têm destaque, com maior ou menor reconhecimento: a) seus feitos atléticos ou; b) as limitações causadas por suas deficiências. Essa situação pode causar incômodos ou insatisfações nesses sujeitos, pois sustentam ou dificultam seu reconhecimento como atletas de elite e, conseqüentemente, suas possibilidades de ganhos econômicos, sociais e simbólicos, relativos ao mercado de patrocínios, criação de ídolos e consumo esportivo, além, é claro, de influências que seu reconhecimento, por uma via ou outra, pode exercer sobre a construção do imaginário sobre PCD na sociedade.

Embora o alto rendimento esportivo seja uma prática destinada a poucos participantes, é a forma de esporte que tem o maior poder de consagração ou mudança de paradigmas e estereótipos frente a diversos temas na sociedade. A imagem e

o reconhecimento de diferentes grupos são muito influenciados pelas construções simbólicas ligadas à divulgação e formas de consumo do esporte. Não é diferente quanto às PCD. O valor simbólico expresso pela maneira como a sociedade reconhece as PCD passa, em grande medida, pelo modo como elas são retratadas em diversas atividades cotidianas, e o esporte paralímpico se constitui como uma forma de destaque nesse cenário, podendo favorecer ou dificultar o processo de estabelecimento de uma imagem ligada à produtividade ou limitação, à autonomia ou dependência da PCD na sociedade globalizada.

O MODELO SUPERCRIP E O RECONHECIMENTO SIMBÓLICO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: INFLUÊNCIAS SOBRE PROCESSOS DE INCLUSÃO SOCIAL

O modo como o imaginário sobre as PCD é construído não se apresenta como uma constante no decorrer da história. É possível perceber transformações importantes na maneira como diferentes sociedades perceberam e trataram essas pessoas, bem como um processo de estabelecimento de maior humanização, desde superstições que justificavam as deficiências como algo sobrenatural, na Antiguidade, até a reclusão e torturas na Idade Média, tratamento como doença nos séculos XVIII e XIX, o acolhimento terapêutico no início do século XX e os processos de integração e inclusão social a partir da metade do século XX (De Pauw & Gavron, 1995; Sasaki, 2002). Porém, devido à herança ligada à necessidade terapêutica para reabilitação, por muitas vezes permeada por forte influência de uma perspectiva médica sobre a deficiência, processos de inclusão social são dificultados nos dias de hoje pela cultura de secundarização da PCD na sociedade.

O modelo médico de percepção da deficiência contribui para a resistência da sociedade em mudar suas estruturas e atitudes para incluir as PCD. Nessa perspectiva, a deficiência é relacionada à doença e as pessoas com essa caracterís-

tica são tratadas como incapazes, com limitações que necessitam de apoios ligados à cura (Sasaki, 2002). Esse modelo acaba por promover certa segregação em relação aos padrões estereotipados de normalidade da população (Bailey, 2008).

Após o crescimento de processos de inclusão social de PCD, pautados na ação conjunta de empoderamento e transformações em estruturas da sociedade para receber tais pessoas, garantindo uma participação social plena, tem-se o surgimento de uma outra perspectiva de deficiência, o modelo social, que acaba por contrapor-se ao modelo médico, destacando as potencialidades das PCD (Munster et al., 2008). Nessa perspectiva, cabe à sociedade eliminar as barreiras físicas e atitudinais para a inclusão desses sujeitos, sendo essas dificuldades maiores do que a própria deficiência (Pereira & Silva; Pereira, 2006). No modelo social de deficiência, indivíduos com algum comprometimento tornam-se deficientes quando a sociedade lhes priva de uma participação social plena. Isso pode ocorrer em relação ao acesso, mobilidade, comunicação ou outras formas de barreiras (Bailey, 2008).

Em relação ao esporte paralímpico, é recorrente na literatura a denúncia de modelos distintos de divulgação e cobertura midiática ligada aos atletas (Berger, 2008; Howe, 2008; Silva; Howe, 2012; Marques et al., 2014; Marques et al., 2015). Tais formas de abordagem acabam por fortalecer: a) a perspectiva médica de deficiência (destacando a superação das condições adversas de deficiência por parte dos atletas); e b) a perspectiva social de deficiência (destacando os resultados e feitos esportivos, tratando esses sujeitos simplesmente como atletas).

Essa ambiguidade nas formas de abordagem midiáticas pode ser justificada pelo fato de que a notícia é boa quando gera audiência e apelo comercial para o meio de comunicação, sendo este o principal critério para a escolha do modo de construir e transmitir o fato noticiado (Bourdieu, 1997). Ou seja, destacar as limitações e a superação das dificuldades impostas pela deficiência ou apontar os feitos esportivos dos atletas são opções adotadas pelos meios de comunicação, que sintetizam abordagens mais ou menos sensacionalistas (Silva & Howe, 2012; Marques et al., 2014).

O discurso midiático sensacionalista, destinado a destacar a superação das adversidades oriundas da deficiência, é denominado *supercrip* (Hardin & Hardin, 2004; Berger, 2008; Howe, 2008; Silva & Howe, 2012) e é apontado como o modo mais recorrente de abordagem sobre atletas com deficiência (Berger, 2008; Howe, 2008; Silva & Howe, 2012), pois o modo sensacionalista atrairia maior atenção do público e, conseqüentemente, maior audiência, a partir da ideia do “exótico humano” (Novais & Figueiredo, 2010; Marques et al., 2014).

Essa abordagem caracteriza-se como um processo estereotipado de divulgação do atleta com deficiência, que minimiza os resultados competitivos e feitos atléticos, destacando o esportista como um herói que, mesmo com as limitações que lhe são impostas, supera-as e consegue feitos extraordinários (Silva & Howe, 2012). Ou seja, o *supercrip* caracteriza-se como um discurso que atribui ao atleta paralímpico valores mais ligados à deficiência e à superação de suas dificuldades do que aos seus feitos esportivos.

Tal abordagem também atribui um capital simbólico ao atleta com deficiência, o que, por um lado, o diferencia dos atletas não deficientes e, por outro, imprime-lhe um estereótipo de menor importância no campo esportivo, sendo secundarizado como alguém que tem mais mérito por conseguir fazer parte daquele universo do que por seus feitos atléticos em uma competição, que acaba também sendo desprestigiada e secundarizada (Marques et al., 2014).

Esse desprestígio, em uma esfera esportiva, dificulta a criação de ídolos paralímpicos, a obtenção de patrocínios (pois muitas empresas não gostam de associar sua marca a sujeitos secundarizados, carregados de estigmas que simbolizam imperfeição ou dificuldades permanentes que limitam sua participação social), o reconhecimento como atletas de elite e um maior conhecimento do público em geral sobre o próprio esporte paralímpico, afastando o conseqüente interesse da mídia em melhor divulgá-lo e contribuindo para a construção de um imaginário da PCD pautada na anormalidade e dependência.

Em uma esfera que extrapole o campo esportivo, é possível mencionar que o modelo *super-*

crip possa fortalecer preconceitos e estereótipos ligados à incapacidade, à ineficiência e, principalmente, à limitação das possibilidades de participação plena das PCD na sociedade (Howe, 2008; Silva & Howe, 2012), dificultando assim movimentos de transformação das estruturas da sociedade para processos de inclusão social.

Diversos estudos com atletas paralímpicos destacam essa ambiguidade de formas de abordagem midiática, suas implicações para o crescimento e desenvolvimento do paralimpismo, as formas de reconhecimento das PCD pela sociedade, as dificuldades impostas pelo modelo *supercrip* e, especialmente, a perspectiva dos atletas frente a esse cenário. Quanto a esse último tópico, a literatura oferece alguns dados interessantes sobre a percepção dos atletas em relação a esse tema e suas perspectivas quanto à necessidade de mudanças no modo como são apresentados e reconhecidos pela sociedade.

Diversos estudos, com atletas brasileiros (Marques et al., 2014), portugueses (Marques et al., 2015), norte-americanos (Hardin & Hardin, 2004; Berger, 2008) e britânicos (Purdue & Howe, 2012), apresentam que não há um consenso sobre a preferência de atletas e ex-atletas paralímpicos em relação ao discurso *supercrip* e à maior valorização de seus feitos atléticos. Porém, os dados desses estudos apontam que a maioria dos atletas prefere o destaque a seus feitos esportivos, sem menção à condição de limitação e superação ligada à deficiência. Além disso, é uma minoria que apoia o discurso *supercrip* e, destes, boa parte o faz destacando como cenário ideal a associação entre os dois modelos de abordagem midiática.

Alguns discursos de atletas paralímpicos mencionam o receio de serem valorizados como sujeitos extraordinários não porque construíram uma grande reputação como competidores esportivos, mas sim como alguém que tinha pequenas possibilidades de sucesso e superou as adversidades para se tornar esportista (Hardin & Hardin, 2004; Purdue & Howe, 2012; Marques et al., 2014). Existe o receio de esse discurso nutrir um sentimento de pena e compaixão por parte do público, desvalorizando-os como atletas e fortalecendo um imaginário de secundarização da PCD na sociedade. Além disso, alguns atletas mencionam o fato de que

uma maior divulgação dos feitos atléticos poderia fomentar mais interesse de PCD em praticarem esporte (Marques et al., 2015).

Embora o discurso *supercrip* tenha sido mencionado por alguns atletas como uma alternativa para receberem algum tipo de exposição midiática (Hardin & Hardin, 2004; Marques et al., 2015), ou como uma possibilidade de oferta de uma perspectiva mais positiva sobre deficiência (Marques et al., 2015), em grande medida, contribui para fomentar um papel secundário do esporte paralímpico no campo esportivo. Por essa razão, existem discursos de protesto, por parte de atletas, sobre essa abordagem midiática (Purdue & Howe, 2012; Marques et al., 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os JP são o principal evento e meio de divulgação do esporte para PCD. Sendo assim, sua divulgação e reconhecimento social exercem papel importante sobre o imaginário e a legitimidade dos atletas com deficiência como sujeitos eficientes e capazes de feitos esportivos destacáveis.

O imaginário construído pela sociedade sobre as PCD passa, em certa medida, pelo modo como os atletas são retratados, favorecendo ou dificultando transformações sociais importantes para processos de inclusão na sociedade.

Este trabalho procurou oferecer uma reflexão sobre o incômodo de atletas paralímpicos sobre abordagens midiáticas que destacam a superação da deficiência como algo mais valoroso do que seus feitos esportivos, fato que os colocaria em lugar secundarizado em relação ao campo esportivo e à perspectiva de eficiência e produtividade perante a sociedade.

O modo como os atletas paralímpicos e seus feitos são retratados exerce influência sobre as possibilidades e meios de se obter maior inclusão social de PCD. O discurso *supercrip* parece ser interessante para um processo de sensacionalismo sobre o atleta com deficiência, promovendo sentimentos de pena e compaixão, ou espanto e assepsia moral. Os JP representam, nesse cenário, uma excelente oportunidade de divulgação de uma perspectiva mais positiva e esportiva sobre os atletas paralímpicos, fo-

mentando a transformação de paradigmas sobre deficiência na sociedade como um todo.

Os JP, assim como as formas de divulgação e descrição de seus agentes e eventos, têm importante responsabilidade e influência sobre a construção do imaginário relativo à eficiência/ineficiência da PCD como sujeito ativo e participante na sociedade. O esporte é um fenômeno sociocultural com grande potencial educativo e transformador, e megaeventos como os JP são oportunidades valiosas para destaques das

potencialidades das PCD e de sua capacidade de intervir na sociedade como qualquer outro indivíduo que produz, transforma e renova a sociedade de que faz parte.

Os atletas paralímpicos querem ser tratados como atletas e isso pode contribuir para uma transformação paradigmática sobre as PCD, sendo reconhecidas como pessoas produtivas e eficientes, de acordo com as condições que a sociedade lhes oferece, assim como qualquer outro cidadão.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, S. *Athlete First: a History of the Paralympic Movement*. West Sussex, John Wiley & Sons, 2008.
- BERGER, R. J. "Disability and the Dedicated Wheelchair Athlete: Beyond the 'Supercrip' Critique", in *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 37, n. 6, 2008, pp. 647-78.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- _____. *Coisas Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- BRITAIN, I. *The Paralympic Games Explained*. New York, Routledge, 2010.
- COSTA, A. M. da; WINCKLER, C. "A Educação Física e o Esporte Paralímpico", in M. T. de Mello; C. Winckler (orgs.). *Esporte Paralímpico*. São Paulo, Atheneu, 2012.
- DE PAUW, Karen; GAVRON, Susan J. *Disability and Sport*. Champaign, Human Kinetics, 1995.
- HARDIN, M. M.; HARDIN, B. "The 'Supercrip' in Sport Media: Wheelchair Athletes Discuss Hegemony's Disabled Hero", in *Sociology of Sport Online*, v. 7, n. 1, 2004, pp. 1-14.
- HOWE, P. D. *Sport, Professionalism and Pain: Ethnographies of Injury and Risk*. New York, Routledge, 2004.
- _____. *The Cultural Politics of the Paralympic Movement. Through an Anthropological Lens*. New York, Routledge, 2008.
- HOWE, P. D; JONES, C. "Classification of Disabled Athletes: (Dis) Empowering the Paralympic Practice Community", in *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 23, 2006, pp. 29-46.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, L. G. *O Esporte Paralímpico no Brasil: Profissionalismo, Administração e Classificação de Atletas*. São Paulo, Phorte, 2014.

- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. "Novas Configurações Socioeconômicas do Esporte Contemporâneo", in *Revista da Educação Física/UEM*, v. 20, n. 4. Maringá, 2009, pp. 637-48.
- MARQUES, R. F. R. et al. "Mídia e o Movimento Paralímpico no Brasil: Relações sob o Ponto de Vista de Dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro", in *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 27, n. 4, 2013, pp. 583-96.
- _____. "A Abordagem Midiática sobre o Esporte Paralímpico: o Ponto de Vista de Atletas Brasileiros", in *Movimento*, v. 20, n. 3, 2014, pp. 989-1015.
- _____. "A Abordagem Midiática sobre o Desporto Paralímpico: Perspetivas de Atletas Portugueses", in *Motricidade*, v. 11, 2015, pp. 123-47.
- MARQUES, R. F. R. "O Conceito de Esporte como Fenômeno Globalizado: Pluralidade e Controvérsias", in *Revista Observatorio del Deporte*, v. 1, n. 1, 2015, pp. 147-85.
- MUNSTER, M. de A. V. et al. "Goalball: Uma Proposta Inclusiva", in J. J. G. Almeida et al. (orgs.). *Goalball: Invertendo o Jogo da Inclusão*. Campinas, Autores Associados, 2008, pp. 9-15.
- NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. "A Visão Bipolar do Pódio: Olímpicos Versus Paralímpicos na Mídia On-line do Brasil e de Portugal", in *Logos 33*, v. 17, n. 2, 2010, pp.78-89.
- PEREIRA, A. L.; SILVA, M. O.; PEREIRA, O. "O Valor do Atleta com Deficiência. Estudo Centrado na Análise de um Periódico Português", in *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 6, n. 1, 2006, pp. 65-77.
- PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. "See the Sport, Not the Disability: Exploing the Paralympic Paradox", in *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 4, n. 2, 2012, pp. 189-205.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos*. 4ª ed. Rio de Janeiro, WVA, 2002.
- SILVA, C. F.; HOWE, P. D. "The (In)Validity of Supercrip Representation of Paralympic Athletes", in *Journal of Sport and Social Issues*, v. 36, n. 2, 2012, pp. 174-94.